**José Ronaldo dos Santos**  Pedagogo e Especialista em Gestão da Educação E-mail: [professor1ronaldo@gmail.com](mailto:professor1ronaldo@gmail.com) Blog: [www.anjosdecristoedu.blogspot.com.br](http://www.anjosdecristoedu.blogspot.com.br) Telefones: (81) 8864-2459 / 8336-1477

**LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO NUMA PERSPECTIVA**

**SOCIOINTERACIONISTA NO CONTEXTO DA SALA DE AULA**

RECIFE / 2014

É tão normal no ambiente educativo presenciarmos as diversas interações sociais, pois, contribuem efetivamente para o desenvolvimento produtivo da aprendizagem. Neste artigo, procuro especificar como, de fato, as interações sociais constituídas entre os educandos e destes com o educador podem contribuir para o processo construtivo de saberes mais complexos durante o processo de aprendizagem.

Tendo em vista que algumas dificuldades sociais interacionistas dificultam na construção da prática e produção de uma leitura efetivamente positiva no crescimento escolar dos educandos, em grande parte dos casos, o fascínio pela literatura vai, gradativamente, dando lugar à indiferença, depois à aversão. Na fase da adolescência onde se concentra os alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais, que já não é tão comum encontrar aqueles leitores compenetrados. Ao longo dessa fase, que vai do 6º ao 9º ano, estudos mostram que há um declínio constante do interesse pela leitura literária, que continua ao longo do Ensino Médio, de modo que, ao concluir a Educação Básica, é comum jovens detestarem a literatura e mesmo terem prazer em manifestar isso, talvez como uma forma de indignação.

Na década de oitenta, o processo alfabetizador vem sendo refletido numa probabilidade em que, além de se apreciar a constituição do conhecimento da leitura e escrita como objetos linguísticos complexos, tem se dado especialmente importância à interação social como motivo dessa própria construção. Desse modo, adaptar-se desse conhecimento exige diálogo, interlocução e confronto de pontos de vista entre os indivíduos envolvidos no processo, permitindo-lhes reconstruir a nível individual as informações recebidas no contexto social.

Desta forma, o ensino de literatura, por sua vez, até por ser mesmo a tarefa do professor de língua portuguesa, é dirigido pela mesma compreensão das estruturas linguísticas e, logo, segue atividades paralelas:

* A análise literária da estrutura narrativa (tipos e funções dos personagens, tempo, espaço), de acordo com o modelo do formalista Vladimir Propp (1983) e,
* A análise das particularidades da linguagem poética, de forma intrínseca (sem relacionar com os fatores econômicos, sociais, políticos e ideológicos), de acordo com os estudos de outros formalistas russos.

O foco desse modelo de ensino é o conhecimento *sobre* a literatura, pautado em autores clássicos, e não a promoção da leitura literária, como acontece, convém lembrar, com a literatura infantil, nos primeiros anos escolares.

 Então, a partir da década de 1980, esses entendimentos de língua e literatura e seus relativos encaminhamentos pedagógicos e ideologia passam a ser questionados. Na área dos estudos linguísticos e literários, um marco é a introdução no Brasil de Mikhail Bakhtin (cuja primeira tradução de *Marxismo e filosofia da linguagem*, pela editora Hucitec, é de 1979), pelo rompimento com as concepções estruturalistas e a valorização das relações dialógicas entre leitor e texto (dialogismo) na produção de sentidos, que deu lugar à valorização do discurso como prática social.

Outro embasamento importante na valorização do leitor como sujeito da produção de sentidos, ainda que por fundamentos teóricos distintos, é a Estética da Recepção, disseminada no Brasil, sobretudo por intermédio de Regina Zilberman (1980).

Isso significa que o exercício da leitura investigativa (de diversos gêneros do discurso) como uma das etapas iniciais do processo de planejamento da escrita promove o acesso a informações, assim como permite ao aluno incorporar estruturas linguísticas próprias de cada gênero e estruturas da gramática da língua.

GARCEZ (2001:7) acrescenta que:

(...) a leitura é uma das formas mais eficientes de acesso à informação. Seu exercício intenso e constante promove a análise e a reflexão sobre os fenômenos e acontecimentos, tornando a pessoa mais crítica e mais resistente à dominação ideológica.

A partir desta percepção da leitura como influência mútua e da leitura literária como prática social, voltada para a construção humana dos educandos, fica fácil concretizar a proposta pedagógica em um plano de leitura de longo prazo, que supere as séries escolares, associando processos de ensino-aprendizagem realizados em sala, a participação dos pais e a biblioteca, esta concebida como espaço de promoção da cultura. Nesse plano, o leitor realiza uma trajetória de leitura que não repete conhecimentos já consolidados, tornando a leitura desinteressante, mas sempre avança no sentido de novas descobertas, novos gêneros, estilos, autores.

Portanto, a leitura facilita na inter relação de saberes, capazes de construir um mundo mais criativo, crítico e formador de ideias, e se a leitura literária for trabalhada como prioridade na formação do professor, e também na escola de Educação Básica, certamente muitas barreiras serão relativizadas e as potencialidades de cada realidade poderão ser exploradas para a complementação da formação de cada indivíduo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Bakhtin, Mikhail (1992). *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes.

DAVIS, C., SETÚBAL, M. A. & ESPOSITO, Y. L. Papel e valor das interações sociais em sala de aula. *Cad. de Pesq*. São Paulo (71): 49-54. nov. 1989.

ESTEBAN, M. T. Repensando o fracasso escolar. São Paulo.*Cad. Cedes*. São Paulo (28): 75-86, 1992.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. Técnica de redação. O que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_. Trabalhando com cartas - a construção do conhecimento como processo dialógico. In: GARCIA, R. L. (org.) *A formação da professora alfabetizadora:*reflexões sobre a prática*.* São Paulo. Cortez. 1996. p. 125-146.

MACHADO, L. B. Reencaminhando o ensino da leitura e da escrita a partir das interações sociais em sala de aula. Recife-PE. 1997. 190p. Dissertação (Mestrado). Centro de Educação. UFPE.

\_\_\_\_\_\_. Marxismo e filosofia da linguagem. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

PEDROSA, M. I. P. C. *Interação criança-criança*: *um lugar de* *construção do sujeito.* São Paulo. 1989. 289p. Tese (Doutorado) Instituto de Psicologia da USP.

PIAGET, J. & INHELDER, B. *A psicologia da criança.* São Paulo. Difel. 1980

Propp, Vladimir (1983). *Morfologia do conto*. Lisboa: Vega.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes. 1984. 168p.

Zilberman, Regina (1980). *Estética da recepção e história da literatura.* São Paulo: Ática.